

POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

(AVENÇA)

EDITOR E PROPRIETÁRIO
MANUEL VIRGÍNIO PIRESRedacção e Administração
Rua Dr. Parreira, 13 — TAVIRA — Telef. 127

DIRECTOR

ISIDORO MANUEL PIRES

ASSINATURAS

Série de 10 números—No concelho de Tavira. . 8\$00
» 10 » —Para outras localidades. . 9\$90Composição e Impressão
Tipografia «POVO ALGARVIO» — Tavira

Perante a dissolução da família...

Salvemos as Crianças!

COM excessiva e alarmante frequência vão chegando aos ouvidos das pessoas interessadas por assuntos de puericultura e de pedagogia as tristes notícias de casos em que perigam, adoecem ou morrem as crianças que não beneficiam de assistência permanente de pais ou de educadores. Tanto nos ambientes rurais, como nos ambientes urbanos, por motivos diferentes que convergem para o mesmo mal, é cada vez maior o número das crianças que passam a maior parte do dia longe das mães. Estas, porque impelidas a procurar fora do lar, ou o trabalho com que ajudam a sustentar a família, ou o aproveitamento do ócio em divertimentos fúteis e mundanos, confiam a educação dos filhos a pessoas que para isso nunca manifestaram vocação nem receberam preparação. Assim, nas grandes cidades, elevado é o número de crianças que ficam entregues, durante longas horas, às serviçais que, contratadas para realizar trabalhos domésticos, não podem ser obrigadas a conhecer as mais elementares noções de pedagogia e de puericultura.

Visto que se acentua cada vez mais a tendência para que as mulheres casadas trabalhem fora do lar, torna-se também cada vez mais agudo o problema de definir a situação das crianças que não podem beneficiar da assistência das respectivas mães. Ao aumento do número de empregadas na indústria, no comércio, na organização corporativa e no funcionalismo público tem de corresponder, para que se estabeleça o equilíbrio, o aumento do número de infantários e de escolas. Já em 1891 foi verificada a acuidade deste problema, e numa lei que tem a data de 14 de Abril do mesmo ano, se determinou que toda a fábrica que empregue mais de cinquenta mulheres deve ter um infantário a menos de trezentos metros, podendo vários estabelecimentos unir-se com este fim. Também um decreto-lei n.º 23.051, de 23 de Setembro de 1933, determina que entre na esfera da acção das Casas do Povo a criação de infantários, proporcionadas às possibilidades locais.

A legislação portuguesa defende, pois, os filhos das mulheres que trabalham: urge, porém, fazer cumprir as leis. Quanto aos filhos das mulheres domésticas, também esses necessitam de protecção legal. Convém e urge tomar providências no sentido de evitar que as serviçais das famílias remediadas ou ricas exerçam, ou finjam exercer, funções de educadoras, para as quais, como é sabido, não se encontram habilitadas.

Por muito respeitáveis que sejam os direitos da família, como efectivamente são, quando se observa, e até se poderia verificar, que nem sempre as mães desejam ou podem cumprir a superior missão que por lei humana e divina lhes foi confiada, urge considerar a crise de educação familiar como um problema nacional. Todos nos devemos interessar pelo destino das crianças portuguesas que estão sendo desamparadas pelas respectivas

Continua na 2.ª página

Por esse mundo fora

Muito pior do que a potencialidade da máquina bélica russa é o «vírus» da propaganda comunista na Europa», afirmou recentemente o generalíssimo Franco. E declarou que, além da preparação militar, se torna, pois, necessário contrapor, àquela propaganda, a do respeito total à soberania das nações, para que cada qual se governe como entenda.

Durante os primeiros dias da revolução egípcia, que depôs Faruk, este esteve à mercê da escolha de três destinos que o Estado Maior propusera e ia escolher, tendo, por

Canção dos Tristes

I
Quem no Mundo vê a sorte,
A toda a hora perdida,
Não lhe causa medo a morte,
Pois já anda morto em vida!

II
Vejo em muita sepultura
Um sorriso de desdém...
A morte encerra a ventura
Daquele que não a tem!

III
Há em tanta sepultura
Um sorriso de alegria...
Quando a vida é noite escura,
A morte é limpo dia!

IV
Não há na luz iriada
Uma cor que em mim se acoite...
Uma vida amargurada
É sempre da cor da noite!

V
Foge de mim sempre a sorte,
Que a minha sorte é assim!
Até já rio da morte
— E a morte ri-se de mim!...

ISIDORO PIRES

O Estado Novo e a Educação

FORAM há dias inaugurados os edifícios dos liceus da Póvoa de Varzim, de Oeiras, o maior do País, e os das Escolas Técnicas Elementares Nuno Gonçalves e Gomes Teixeira e da Escola Industrial e Comercial de Faro, sem deixarmos de mencionar, no Ultramar, o grandioso Liceu Salazar, há pouco inaugurado em Lourenço Marques, o maior e melhor liceu do Império e um dos maiores e mais completos estabelecimentos do ensino liceal do Mundo.

por António Mourinho

Na inauguração do Liceu da Póvoa de Varzim, a que presidiu o Sr. Subsecretário de Estado da Educação, fez este ilustre membro do Governo, que ao problema da Educação tem estado a dar o melhor do seu esforço e do seu dinamismo cristão, uma solene e importante exposição dos meios e fins que o Estado Novo se tem proposto e despendido para que a obra da educação e do ensino em Portugal esteja á altura da nossa missão no Mundo, na hora que passa.

Por esse mundo fora

fim, escolhido o mais humano; 1. Prisão, julgamento sumário e execução imediata; 2. Detenção e julgamento; 3. Pura e simples expulsão do país após o destronamento.

Segundo o generalíssimo Chan Kai Chek, «as democracias ocidentais e os Estados Unidos deveriam dar aos países do Extremo e Médio Oriente a garantia de que, na luta actual, se estabelecerá uma frente comum contra o potencial e a ideologia russas e que se auxiliarão esses países, permitindo-lhe restaurar as suas economias».

Imparcial

NA CASA DO ALGARVE

“Júdice Fialho e a evolução histórica de Portimão”

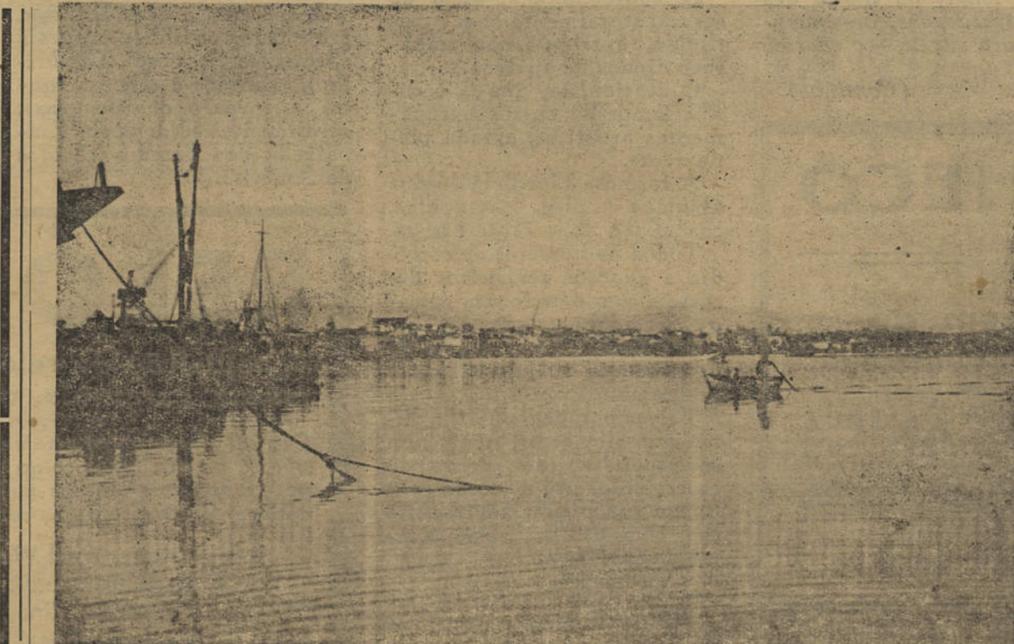
Conferência pelo Sr. Joaquim A. Nunes

A Casa do Algarve iniciou em 25 do corrente, pelas 21,30 horas, o 2.º ciclo das suas actividades culturais do corrente ano, com uma sessão dedicada à memória do grande industrial algarvio, Júdice Fialho, de cujo elogio histórico foi incumbido o re-

e a evolução histórica de Portimão» para objecto do seu estudo. Presidiu o sr. Major Mateus Moreno, Presidente da Direcção, ladeado pelos srs. D. Nuno de Sousa Cou-

Algarve; e, à esquerda, pelos srs. Dr. Garcia Domingues e Julião Quintinha, como representantes da Comissão Cultural.

Enaltecido pelo Presidente



Portimão — vista do Arade — cujo desenvolvimento industrial muito deve a Júdice Fialho

presentante de Portimão no Conselho Superior Regional daquela colectividade, sr. Joaquim António Nunes, que escolheu o tema «Júdice Fialho

tinho e Dr. José de Sousa Carrusca, à direita, como representantes da família de Júdice Fialho e do Conselho Superior Regional da Casa do

significado da sessão, saudado o representante da família Fialho e feita, nos mais expressivos termos, a apresentação.

Continua na 2.ª página

«No mesmo período, fizeram-se obras de adaptação e ampliação nos liceus de Braga, Bragança, Évora, Guarda, Pedro Nunes e outros. O custo total das obras atingiu o montante de 152 mil contos.

«Grande foi o encargo suportado, mas valeu realmente a pena: — continua o ilustre titular — os nossos liceus dispõem hoje de edifícios próprios, de adequado tipo arquitectónico e construídos em obediência a todos os requisitos de carácter higiénico e pedagógico.

Julgo até que poucos países do Mundo poderão orgulhar-se de ter resolvido, como nós, o problema das instalações escolares do ensino liceal».

No campo do ensino primário o dispêndio e o cuidado não têm sido menores, embora menos palpáveis à primeira vista, porque os edifícios escolares estão mais dispersos e são de menores proporções, porque não se destinam a tão grande massa de alunos, nem precisam do petrecho escolar e didáctico daqueles.

Continua na 2.ª página

Anúncio de casamento

O mar, de um esverdeado sempre igual, monótono na imensidade quieta e serena de suas águas; o céu, dum azul brilhante, salpicado de flocos alvos de névens dispersas, que se estarrapam e se desligam, num abandono desprendido: de dia, o Sol, brilhando em todo o esplendor dos seus raios potentes, num grito de vitória; de noite, a Lua, brilhando, pálida e apagada, numa imagem de saudade e submissão, fazendo pesar o remorso nas almas que se deixam enfeitiçar pelo seu brilho gélido e mágico.

É isto o que os seus olhos vêm continuamente; é isto que Nelsa olha apaticamente, há quinze dias seguidos. É ainda aqueles vultos que vê sem olhar, as vozes que escuta sem compreender, os passos que sente sem escutar.

E dentro dessa apatia, dessa necessidade de refúgio do mundo, dentro desse Eu que a sua imagem delgada e esquiava representa, ela sente o tic-tac do pêndulo que lhe regula a vida. Sente o bater incansável desse pequenino coração, que ela queria adormecido e esgotado.

Não, não quer pensar, quer esquecer. Esquecer aquele passado que julgava sepultado, definitivamente, e que sente atrozmente recordado, agora que tudo findou.

Sim, foi o passo definitivo. Tanto tempo a viver de saudade, de recordações, de esperanças vãs... os homens são ingratos.

Como seria este? Talvez a iludisse, talvez que todas aquelas promessas, todo aquele amor fosse mentira, mero interesse. Talvez, quem sabe?... um curso não era para desprezar!

Mas que lhe importava? Que lhe importava que este mentisse, que a esquecesse, que a trocasse por outra? Que lhe importava tudo, se antes dele alguém lhe fizera o mesmo?

Dentro dela tudo morrera. Menos a recordação desse alguém que passara, que ela não queria que voltasse já, que não podia voltar. Os rumos estavam irremediavelmente afastados.

E Nelsa recorda... Olha, quase a medo, o pequenino aro de ouro que se cinge, envergonhado, escondido entre os dedos da mão — pequeno aro de ouro, mas grande no que representa. É o elo da corrente que a prende a um desconhecido, é a barreira que lhe afasta totalmente o passado do futuro.

O desconhecido! Sim. Esse homem que ela escolheu, indiferentemente, esse homem a

Ao Poeta Ulisses Dinis com a admiração da

Jarmila Baptista

quem ela prometeu a fidelidade dum vida inteira, esse homem a quem ela terá de dar uma felicidade que não sentirá... é-lhe desconhecido.

E só agora, ao encontro dessa interrogação que lhe cresce desmedidamente ante os olhos assustados, sente a loucura desse passo; e só agora, ao sentir que o passado não morreu, vê que foi louca em escutar a voz amiga da velha avó:

— Ora, menina, eu casei-me assim e fui feliz. Porque não há-de tu ser também? Julgas que esse doido volta? Julgas que ele ainda pensa em ti? Tola, é o que tu és, sempre a pensar nesse pássaro que fugiu, que se não deixou prender na grade doirada do teu sonho, do teu amor, da tua ternura. Não sejas tonta, eu sei que esperas por ele senão... não dirias que não a este.

E Nelsa sofre, ao pensar nessa pontinha de amor próprio, nessa rês-tea de egoísmo de esconder o seu segredo que a fez gritar que não, que não pensava nele, que ia casar. Que bem sabia que ele não voltava, que os homens eram ingratos, mas este talvez não. Talvez a compreendesse, talvez conquistasse a pouco e pouco uma simpatia que os uniria; talvez que ainda fosse possível o amor entre eles...

O Sol agoniza no acaso; pouco a pouco, o grande disco desce lentamente, e lentamente desaparece.

Mais um dia que finda. Menos um que falta.

E ela continua fitando as pequeninas vagas que se sucedem iguais, monótonas, como iguais e monótonos têm sido aqueles dias.

E ainda faltam dois. Dois dias enormes, que se arrastam lentos e massadores, intermináveis como o seu medo e arrependimento. Mas não pode voltar atrás. Como prova, simples e bela, lá está o pequenino aro doirado, brilhando na simplicidade do seu significado.

As horas arrastam-se lentas, e um telegrama chegou.

Seria verdade que ele não poderia ir à chegada? Seria uma desculpa, para a deixar mais à vontade? Ou seria desprezimento? Por que lhe enviava um amigo para a dirigir? Que lhe importava isso? Talvez fosse melhor assim.

E ao longe, no limite das águas esverdeadas, uma mancha escura surgiu — o enorme cais.

(Continua)

Pela Cidade

Teatro António Pinheiro—

Espectáculos da Semana: Hoje, apresenta um grandioso filme dramático, em technicolor, com Susan Hayward e William Lundigan. São os originais protagonistas do filme mais belo e sentimental que o cinema produziu: *História de uma Alma*.

Paixões violentas que explodem como as tempestades nas montanhas, a luta contra uma terrível epidemia e contra a descrença mais contribuíram para o restabelecimento da fé. Um filme adorável, simples e profundamente dramático.

Quinta-feira, mais um drama arrebatador, com Gene Tierney, Dana Andrews e Gary Merrill, em *O Castigo da Justiça*. Um agente da polícia confiava demasiadamente nos seus punhos e acaba por se ver no lugar daqueles que tanto perseguia. Um filme vigoroso e brutal, cuja interpretação dá à história um impressionante realismo.

Em complemento, *O Génio no Colégio*, com Clifton Webb, Shirley Temple, Tom Drake e Alan Young. Uma sátira mordaz sobre a vida num colégio, desempenhada pelo mesmo admirável artista Clifton Webb.

Sábado, Marika Rokk em *Frégola*. Mais encantadora do que nunca. Canta, representa e dança a Conga, a Valsa, a Rumba, o Charleston, a Tarentela e o Boogie-Woogie na sensacional féerie musical *Frégola*, o último êxito de Marika Rokk. Um filme de alegria contagiante. Um turbilhão de música, canções, bailados e divertidas situações.

Caiação de Prédios— Lembra-se aos proprietários de prédios urbanos que, conforme determinação da Câmara, termina em 30 de Novembro o prazo para a caiação de prédios, ficando sujeitos a multa os que não cumprirem aquela determinação.

Teatro Variedades Amery— Já há dias que, numa barraca perto do Mercado Municipal, no mesmo local onde funcionou o ano passado o Teatro Desmontável, funciona o Teatro Circo Variedades Amery, conjunto artístico modesto, mas agradável.

Os espectáculos a que temos assistido são decentes e destacam-se alguns trabalhos bons, que podem ser vistos em qualquer parte, satisfazendo as plateias exigentes.

A contorcionista, além de ser estruturalmente bem constituída, apresenta-nos trabalhos dignos de aplauso.

O ilusionista, que já o conhecíamos de outros agrupamentos artísticos, agrada plenamente.

A formosa Flor Bela dá-nos algumas coplas engraçadas, com o seu donaire de artista. Todos os números de comédia e quadros revisteiros decorrem com agrado sem maçar o espectador.

A parelha de palhaços pode dizer-se que completa bem o programa.

Talvez porque o público, dum maneira geral, não tenha correspondido ao género do espectáculo, está marcada para hoje a sua última representação, com um programa completamente novo.

Farmácia de serviço— Está de serviço urgente durante a presente semana a Farmácia Sousa.

O «Povo Algarvio» vende-se em Tavira na Tabacaria Santos.

Na Casa do Algarve

(Continuação da 1.ª página)

tação dos oradores, srs. Dr. Garcia Domingues e Joaquim A. Nunes, depois de apresentado pelo primeiro o plano geral dos trabalhos culturais da Casa do Algarve, no ciclo que se inicia, foi conferida a palavra ao segundo, que começou por agradecer sensibilizadamente as referências feitas à sua actividade regionalista. Num rápido balanço, focou a história de Portimão desde as suas origens, e, seguidamente, alguns construtores do seu progresso, dizendo não poder, entre eles, deixar de salientar-se o nome de João António Júdice Fialho.

«Foi extraordinária, diz, a actividade que, durante mais de meio século, Júdice Fialho desenvolveu, tanto na valorização económica do Algarve, como na de outras províncias do País e até na Ilha da Madeira, quer através das indústrias de pesca e conservas, quer através da exploração agrícola».

«Nos seus estaleiros—acrescenta—, se fabricavam os numerosos barcos que sulcavam toda a costa algarvia, na faina da pesca da sardinha, e os lúgares que mandava à Terra Nova para a pesca do bacalhau».

«As suas oficinas garantiam a laboração permanente de toda a maquinaria das suas fábricas, dos seus barcos e das suas explorações agrícolas».

«Nenhuma empresa singular ou colectiva—afirma noutra passo—deu ao Algarve semelhante actividade. Chegou a possuir no activo mais de 4.000 empregados. Pode e deve considerar-se assim Júdice Fialho, não só um dos Portimonenses que mais contribuíram para o desenvolvimento da sua terra, mas também um dos maiores industriais portugueses do seu tempo. E não foi apenas um grande industrial, foi igualmente um homem de sociedade, tomando com frequência parte em festas mundanas, onde ombreava, nas suas constantes viagens pelo estrangeiro, com embaixadores e outras figuras da mais elevada estirpe».

À finalizar o seu trabalho, que mereceu vivos aplausos, o orador recordou a obra do Visconde de Bivar e de Teixeira Gomes, que elevaram Portimão, respectivamente, a vila e a cidade, dizendo que Júdice Fialho deve figurar entre os três grandes portimonenses mercedores de que as suas obras sejam comemoradas em monumento público.

A encerrar a sessão, foram projectados os filmes culturais «Sementes de ouro» (O Milho), «Erosão» e «Defesa contra a invasão das doenças», gentilmente cedidos pela Embaixada dos Estados Unidos da América.

Salvemos as Crianças!

Continuação da 1.ª página

mães, e não seria mau que as empresas patronais e os serviços de abono de família inquirissem da situação em que se encontram os filhos das mulheres empregadas. Por outro lado, deverá evitar-se, mediante regulamentação apropriada, que as serviços domésticas aceitem contratos, segundo os quais lhes cumpra a educação de crianças, para a qual não estão habilitadas.

Não podemos fechar os olhos em convívio com o que se está passando em aldeias, vilas e cidades. Temos diante de nós um dos mais sérios problemas de moral. Se as mães, por motivos característicos da sociedade moderna, não prestam aos filhos a assistência permanente que outrora lhes deviam, deixa de pertencer à vida privada de cada família o problema da educação infantil, e justo é que todos estejamos interessados em evitar que as crianças portuguesas sejam entregues a mulheres mercenárias, incultas, e sem educação.

Gostáramos que este problema fosse discutido por todas as instituições que, de algum modo, se dedicam a proteger a infância, mas também nos parece que deveria ser estudado pelas entidades responsáveis nos domínios da moral, da política e da religião, porque só de prévia conjugação de esforços poderá surgir a resolução de tão importante problema social. Urge averiguar, pelos serviços de abono de família e pelas secretarias das escolas, qual é a pessoa que, no agregado familiar, presta assistência educativa aos filhos das mulheres empregadas. Urge evitar, mediante regulamentação, que as serviços domésticas, contratadas para trabalhos grosseiros, não assumam responsabilidades nos domínios da puericultura e da pedagogia, e que se distingam, por isso, das amas e das preceptoras.

Com a multiplicação indispensável dos infantários, será possível habilitar, tanto nos meios rurais como nos meios urbanos, as adolescentes a exercerem funções de educadoras. Formar-se-á assim uma nova profissão, exigida pela terrível dissolução da família a que estamos assistindo. Seja como for, indispensável é prepararmos hoje a salvação futura das crianças portuguesas.

Prédios em Tavira

Vendem-se, situados na Travessa Dr. Miguel Bombarda, n.º 9 e 11, e na Avenida Dr. Mateus Teixeira de Azevedo, n.º 28.

Trata ou informa na Rua Dr. Miguel Bombarda, n.º 17.

J. A. PACHECO
TAVIRA

Fábricas de moagem de farinha espoada e ramas
PANIFICAÇÃO MECÂNICA

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO
tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

RELÓGIOS

A aquisição de relógio que não seja de marca garantida, o prejuízo é total!

Das seguintes marcas toma-se inteira responsabilidade, não só na qualidade como no preço, quer tabelado quer não, o que casa alguma pode competir devido aos habituais descontos sobre as condições de compra:

Internacional Watch, Omega, Tissot, Zenith' Cortebert, Amyria, Sergines, Aureos, Cyma' Zoty, Sorel, Zinal, Record, Titus, Longines, Watez, Viergines, Titan, Douglas, Argus, Dogma.

Ourivesaria Mansinho
TAVIRA

O Estado Novo e a Educação

Continuação da 1.ª página

Porém, é de justiça salientar os milhões despendidos nos milhares de escolas primárias pelas cidades, vilas, aldeias e povoações somenos do todo o País; em estilo moderno com todos os requisitos de carácter higiénico e pedagógico.

Choca mesmo e com optimismo e alegria ver em lugares serranos alvejar a casa da escola no ponto mais soalheiro da aldeiazinha toda de negro e aquela e só ela de branco, a mais bela, a mais nova e a mais esbelta, quantas vezes mais bonita do que a igreja local.

Tem-se procurado dar a toda a educação em Portugal aquelas condições que ela precisava nos mestres e nos alunos — conforto e higiene.

Da cidade cosmopolita à vila rural, ao povoado mais sertanejo da planície ou da montanha, esta preocupação do Estado Novo se evidencia.

Há, todavia, povoações rurais em concelhos mais distantes do centro do País, ainda as há, onde os edifícios escolares são impróprios, emprestados ou alugados, e sem condições de luz e de higiene para o ensino, e onde os professores deficientemente podem exercer o seu munus e as crianças mal acordar do seu primitivismo.

Não criticamos, porém, nem condenamos ninguém, porque sabemos perfeitamente que o Estado Novo está atento a este problema instante no País, bem palpável nas centenas de novos postos escolares, este ano abertos em primeira mão. E, assim, como tem chegado a hora dos outros, também chegará a destes centros rurais que se mantêm sempre fiéis à mais lídima tradição nacional e cristã.

A Revolução não pode parar, enquanto houver que fazer.

ANTÓNIO MOURINHO

Júlio Sancho

Médico-Radiologista

RADIODIAGNÓSTICO-TOMOGRÁFIA—TRATAMENTOS ELÉCTRICOS—ONDAS CURTAS—ULTRA-SONS
Ciática, lumbago, artrose deformante, nevralgias, etc.

CONSULTÓRIOS
FARO—PORTIMÃO tefs. 368

BÁCOROS

Vendem-se na horta das Canas—Atalaia—Tavira.

Já V. Ex.^{as} provaram o vinho da marca

NAMORADO?

Não esqueçam de o fazer, porque certamente passará a ser o vosso Vinho preferido.

Delicioso em aroma e paladar

Sempre o mesmo tipo e a mesma qualidade de vinho em Branco, Tinto e Abafado

“NAMORADO”

é a marca registada da firma J.A.Pacheco, de Olhão

Avenida da Liberdade, 202

A' VENDA EM TODOS OS SEUS DEPÓSITOS

UMA CARTA

Ao meu prezado amigo, Sr. Virgínio Pires, da minha consideração e estima.

Desculpe a impertinência que lhe vou dar, mas impõe-se o dever da minha parte, em manifestar, publicamente, o meu reconhecimento ao meu querido amigo, o Ex.^{mo} Sr. Dr. Carlos Augusto Palma, embora a sua modéstia reprove gestos desta natureza, que jamais a minha consciência poderia ocultar, perante tanta dedicação, sacrifício, competência profissional e desinteresse, como durante um longo período — mais de um ano — conseguiu debelar a minha grave doença, salvando-me a vida.

Assim, solicitava encarecidamente do meu dedicado amigo a fineza de dar publicidade, no vosso conceituado jornal, de que é mui digno redactor, o agradecimento que incluso envio, sendo possível, em lugar destacado.

Queria, é certo, que esta profunda gratidão fosse redigida em termos mais eloquentes, mas os meus conhecimentos literários inibem-me de manifestar melhor a expressão sincera do meu sentir.

Antecipando os meus melhores agradecimentos, confesso-me muito grato

Luiz Thomaz Rodrigues Coelho

Agradecimento

Luiz Thomaz Rodrigues Coelho, chefe de estação, aposentado, vem, como senhor de gratidão sincera, tornar público o seu maior reconhecimento ao ilustre e distinto médico, Ex.^{mo} Sr. Dr. Carlos Augusto Palma, pela forma assídua, carinhosa, proficiente e desinteressada como o tem tratado, há mais de um ano, da sua doença gravíssima.

Igualmente, deseja também manifestar o seu agradecimento ao Ex.^{mo} Sr. Dr. José Diogo Guerreiro, pela boa vontade, dedicação e competência que sempre manifestou, não só na conferência que realizou com o seu colega Ex.^{mo} Sr. Dr. Palma, como ainda por o ter substituído algumas vezes na sua ausência.

Resta-lhe pedir perdão, se, com este seu gesto de bem viva gratidão, vai ferir a comprovada modéstia de S. Ex.^{as}.

Tavira, 25 de Outubro de 52.

Luiz Thomaz Rodrigues Coelho

Arrendam-se

Mercearia e propriedades, em Santo Estêvão, pertencentes a João António Bernardo.

Tratar em Santo Estêvão com Antónia Vargues Pisco.

KH SONDAS
KELVIN & HUGHES
PARA NAVEGAÇÃO E PESCA
MAIS DE 100 JÁ MONTADAS
ENTREGAS IMEDIATAS
C. SANTOS LDA.
LISBOA PORTO

Notícias Pessoais

Aniversários

Fazem anos:

Hoje — D. Justina Rosa e D. Isabel Correia.

Em 3 — D. Maria Ana Faleiro Magalhães e sr. Manuel Alexandre dos Santos Junior.

Em 4 — D. Isabel Fernandes Santos, D. Lúcia do Nascimento Leiria e D. Júlia dos Santos.

Em 5 — Sr. Dr. Rui João Aboim de Faria Pereira.

Em 6 — D. Maria Leonarda Vaz Figueiredo e sr. Casimiro Eduardo dos Santos.

Em 7 — D. Celestina Lucinda Vaz Figueiredo, D. Marília Mendonça Coelho da Palma Passos Valente, menina Maria José Brito Gago, sr. Sebastião Artur Santana e menino António Tomás Viegas Pires.

Em 8 — D. Maria José dos Mártires e sr. Joaquim Jerónimo de Almeida.

Partidas e chegadas

Foi colocado na Guarda, como Adjunto da Inspeção do Trabalho, o nosso assinante sr. Adelino Ferreira Abrantes.

— Regressou de Setúbal com sua esposa, o sr. Dr. Eduardo Viegas Mansinho, advogado nesta comarca — Foi a Setúbal, donde já regressou, o sr. Manuel Fortuna, gerente do B.N.U. nesta cidade.

— A fim de prestarem provas no concurso para secretários de Finanças, de 3.ª classe, foram a Lisboa, donde já regressaram, os srs. Jorge Lopes Chagas e José António Correia Dourado, aspirantes de Finanças, neste concelho.

— De visita a suas tias, esteve nesta cidade com sua esposa o nosso conterrâneo sr. Manuel Ferro Marçal, Agente Técnico de Engenharia, em serviço no Norte do País.

— Com sua esposa e filhinhos, regressou de Lisboa, onde esteve durante alguns dias, o sr. Dr. Jorge Correia, médico, nesta cidade.

— Esteve nesta cidade, de visita a sua família, o nosso conterrâneo sr. Tenente João Nicolau de Matos.

— Com sua esposa e filha, regressou à sua casa, em Lisboa, o sr. João Higinio Gonçalves de Campos, proprietário.

— Regressou da capital, onde foi passar alguns dias, o sr. Rogério Leiria, funcionário do B.N.U., nesta cidade.

— Partiu para a sua casa de Lisboa o nosso prezado assinante e conterrâneo sr. João Brás de Campos, abastado proprietário, nesta cidade.

— Regressou da capital a sr.^a D. Carlota Guimarães Marques Trindade, que ali foi consultar a medicina.

— Regressou já há dias a esta cidade, completamente restabelecida da sua doença, a esposa do nosso assinante sr. Manuel Joaquim Junior, funcionário da C. P.

— De visita a sua família, estiveram nesta cidade os nossos conterrâneos srs. João de Brito, comerciante em Lisboa, sua esposa e filha, e seu irmão, sr. Eng. Jaime Pascoal de Brito, director de Urbanização do Distrito de Santarém.

— Encontra-se no gozo da sua licença, na Quínia do Muro, em Cacela, em casa de seus sogros, o nosso assinante sr. José Gomes, guarda fiscal, em Setúbal, acompanhado de sua esposa e sobrinha, respectivamente, sr.^{as} D. Maria Cristina Gomes e Maria da Saudade Cristina Peres.

Registo de Nascimento

No passado dia 20 do corrente registou-se na Conservatória do Registo Civil, desta cidade, uma filhinha da sr.^a D. Alcinda Maria Correia Matos Fernandes, esposa do nosso assinante sr. Edgar Fernandes.

A neófito, que recebeu o nome de Maria Luísa Correia Matos Fernandes, foi apadrinhada pelos tios maternos, sr.^{as} D. Maria Luísa Correia e sr. Joaquim António Correia.

Casamento

No dia 26 do corrente, realizou-se na Conservatória do Registo Civil, desta cidade, o casamento do sr. José dos Santos Domingos, natural de Cacela, empregado de escritório, com a sr.^a D. Maria Antonieta Dias dos Santos, natural desta cidade, filha do sr. José Serafim dos Santos.

Testemunharam o acto por parte da noiva, seu pai e a sr.^a D. Maria dos Santos Andrade; e, por parte do noivo, seus pais sr. António Domingos, comerciante em Cacela, e a sr.^a D. Maria dos Santos Cabanas.

Doente

Foi submetido a uma melindrosa operação no Hospital de S. José, em Lisboa, o nosso conterrâneo sr. António Padinha Rodrigues, tesoureiro da Caixa de Previdência do Ministério da Educação Nacional.

Segundo nos informam, a operação decorreu com grande felicidade.

Fazemos votos sinceros pelo seu rápido e completo restabelecimento.

Necrologia

No passado dia 29 do corrente, faleceu na sua quinta da Rocha, em Alvor-Portimão, o ilustre algarvio sr. Comandante Jerónimo Weinholtz de Bivar, distinto oficial de Marinha.

O falecido contava 73 anos de idade, tendo assentado praça em 1898 e sido nomeado aspirante em 1901. Era pai do sr. Eng.^o Manuel Weinholtz de Bivar, director técnico da Emissora Nacional. Tem uma relevante folha de serviços prestados ao País. Fez parte das campanhas da pacificação da Guiné e no Barué, tendo sido louvado por D. Manuel e, depois, pelo Governo da República.

Em 1925, quando estava em Macau comandando a canhoneira «Pátria», também foi louvado pela forma criteriosa e inteligente como agiu em face dos graves acontecimentos que nessa data se deram no sul da China.

Em 1937, já capitão de mar-e-guerra, serviu no Estado-Maior Naval, tendo sido nomeado ajudante de campo do saudosos Presidente da República, Marechal Carmona, cargo que desempenhou até passar à reserva, em 1939. Possuía, além de outras, as comendas de Avis e da Ordem Imperial do Dragão Anam, Legião de Honra e as medalhas de prata Rainha D. Amélia, de operações militares na Guiné em 1908, de serviços distintos no Ultramar militar e de comportamento exemplar; de ouro das campanhas do Exército Português em Moçambique, da Victória e da classe de comportamento exemplar.

O seu funeral, que se realizou na passada quinta-feira, para o cemitério de Portimão, foi uma profunda manifestação de pesar. A família enlutada endereçamos sentidos pêsames.

O «Povo Algarvio» vende-se em Lisboa, no Avenida Café — Praça dos Restauradores.

Dia de Finados

TRIBUTO sacrossanto o que neste dia a Cristandade piedosamente paga! Dever supremo para com os entes queridos que passaram ao mundo de insondáveis mistérios, onde a luz do pensamento não se pode conduzir a fazer investigações! Veneração divina à memória dos que se finaram! Romaria aos recintos onde descansam os restos de gerações que se impõem à devoção dos vivos!

O culto dos mortos foi, desde a antiguidade, devoção culminante. Os israelitas juravam pelas cinzas dos finados e derramavam valiosas essências sobre os túmulos; os egípcios consagraram o seu culto aos mortos, na vastidão e grandezza das pirâmides destinadas a encerrar as múmias dos faraós, e o cristianismo tornou os restos dos mortos invioláveis, designando-lhes recintos sagrados e inscrevendo no calendário da Igreja um dia destinado à comemoração dos finados.

Dia de luto e de lágrimas, mas também dia solene pela imponência da comemoração a que é destinado!

Bendito dia, em que osromeiros da saudade cumprem o mais egrégio dever: o culto pelos mortos!

Adélia Pereira Forjaz de Lacerda

Casamentos

Os melhores fatos a feitio com forros de seda

BOM ACABAMENTO

O mais completo dos Alfaiates

Rocha — Alfaiate

Junto à Ponte do Caminho de Ferro Alto do Cano) — TAVIRA

Anunciai no «Povo Algarvio»

Instituto de Beleza "CARDOSO"



Atelier onde V. Ex.^{as} podem efectuar as vossas permanentes com óleos vitaminados e cortes modernos

Quereis desfrizar os cabelos?

PROCURAI ESTE INSTITUTO

Terreiro do Garção, 2-1.º — TAVIRA

Outono... Inverno!...

Para estas estações, podem V. Ex.^{as} começar a defender-se, comprando os melhores e mais modernos artigos As melhores, mais conhecidas e acreditadas marcas de calçado PARA CAVALHEIRO:

ATLAS, NILO, HERCULES PARA SENHORA:

EVA, GARBO, CINEFILO, LUSO

Formidável colecção de GABARDINES, de lã e impermeáveis para Cavalheiro, Senhora e Criança Canadianas, Samarras, Casacos e Blusas de Cabedal, Safões de lã (alentejanos), etc.

Lindos casacos de peles para Senhora

Encantadores cortes para casacos de Senhora (Últimas Novidades)

GRANDE SORTIDO DE FATOS PRONTOS A VESTIR:

em preto e de padrões diferentes, para Homem e Rapaz, a preços tentadores!

Guerreiros: É o chapéu da actualidade e que a prática recomenda o seu uso, não só pela sua qualidade como pela sua duração.

CASA UNIL Rua Estácio da Veiga, 19 TAVIRA

Teleg.: Casa UNIL Telefone n.º 114

NOTAS ETNOGRÁFICAS

A PROPÓSITO de estarmos em Novembro, o mês dos santos, como aqui se costuma dizer, lembro-me que ainda existem hábitos de outros tempos, simultaneamente seguidos, relativos à presente quadra. Assim, o dia de Todos os Santos é, unanimemente, festejado da seguinte forma: depois do primeiro almoço, serve-se os santos, numa bandeja, onde se notam várias comedorias, as quais costumam ser figos torrados, castanhas, amêndoas, nozes, passas de vinha, batatas doces assadas (aperitivo muito apreciado), amendoins, os saborosos figos com recheio de amêndoa e, finalmente, a indispensável bagaceira para... matar o bicho!

por Francisco J. Lourenço

Mês de Novembro

Como é dia de descanso, é de uso as pessoas íntimas visitarem-se. Fala-se — especialmente entre homens — no rendimento das propriedades, lamentando a mediocridade produção da uva, atacada pelo mildio, quando começam as próximas sementeiras, se o figo, a alfarroba e a amêndoa (principal rendimento) tiveram este ano bom ou mau preço, etc. E, no meio da conversa, terão oportunidade de verificar se a bagaceira do visitado é boa, tal como os respectivos aperitivos...

Nas primeiras horas da manhã, alguns estabelecimentos oferecem, neste dia, um brinde aos seus clientes: uma garrafa de aguardente e uma bandeja com os santos. Se o brinde for bem dividido, está-se mesmo a ver, ainda dará para alguns contemplados, mas... só nas primeiras horas da manhã!

Supérfluo será falar nas cerimónias do dia de Finados, visto ser uma tradição, religiosamente seguida no País inteiro.

Tenho deliziado muito no sentido de saber, com resultados infrutíferos, o motivo que leva as minhas conterrâneas a não casarem no mês de Novembro, pois parecem recear que a ambicionada felicidade não seja abençoada. — É extraordinário, não é, leitora? — Não duvide, é verdade, se bem que não queira seguir-lhes o hábito...

Segundo me narraram alguns velhotes, os casamentos de outro tempo tinham qualquer coisa de pitoresco. Os convidados eram transportados em carroças de panelha — os trens só seriam utilizados nas bodas de grande pompa. Ao sair da igreja, pequena multidão ovacionava os recém-casados, caindo sobre eles uma chuva de pétalas, trigo e moedas de dez réis.

Durante o trajeto para casa dos pais da noiva, eram colocados arcos com petiscos, bolos e vinhos que seriam servidos aos convidados do cortejo nupcial, cuja despesa cabia inteiramente aos padrinhos. A despeito destas andanças verdadeiramente interessantes, seguia-se o tradicional copo-de-água. Daí procedia-se à apreciação das ofertas, onde, na corbeille, ornamentada com flores, se viam muitos objectos de arte, exuberante porção de azeite e... chouriços de porco.

Na noite, no meio de grande animação, tinha lugar o jantar, o momento de entrarem em acção os inspiradores de poesias, dedicadas, exclusivamente, aos cônjuges.

Geralmente, o festim duraria dois dias, continuando no dia seguinte, desta vez, em casa dos pais do noivo.

Decididamente, a evolução integral deste século, corresponde, igualmente, a uma assinalada transformação dos povos, no que diz respeito à parte etnográfica. Acresce que, essa transformação, é visivelmente mais notória nas aldeias rurais, mesmo aquelas distantes das grandes cidades, mas que, pelos rápidos meios de

Natureza parece lânguida e absorta. Há humidade nas ruas. As despedidas de verão entreabem as suas pétalas de cores amareladas e cinzentas, anunciando que o inverno não tardará.

As moscas impertinentes, pegajentas, agarram-se a nós, como que a pedir que não as desamparemos na quadra aguda que se vai aproximar.

Paíra no espaço o aroma dos crisântemos, que nos lembram os cemitérios com as suas iluminações.

Como é triste a Natureza neste mês de Novembro, de dias pardacentos e húmidos, em que o astro-rei se mostra amarelado como as folhas que começam a cair.

Tudo desfalece, e a cada canto parece ouvir-se um dobre de finados. É a canção da morte da própria Natureza, que vai criar seivas novas para se nos apresentar sempre bela, menina e moça, na próxima Primavera.

M. V.

Informações

Ministro das Obras Públicas, pelo Fundo do Desemprego, concedeu ao Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa a verba de 16 contos para a construção do Porto Náutico do Centro de Vela de Tavira.

comunicação, a evolução tornou curta.

Quem viveu há muitos anos, discernirá, praticamente, a revolucionária transformação compreendida nos usos e costumes, influenciada pelo progresso verdadeiramente espantoso a que se tem assistido.

Com efeito, o contraste das duas épocas é singular. E o meu amigo Soares, depois da divulgação dos factos, até chega a crer no inverosímil, lamentando-se por os costumes serem diferentes.

A meu ver, as velhas tradições extinguir-se-ão, para dar seguimento a novos usos e costumes, coadjuvados pelo fulgor contagioso das gerações contemporâneas e, sobretudo, coadjuvados pela onda progressiva deste século.

Quantos aldeões, vivendo nas mais remotas paragens, estarão em constante sobressalto, aguardando ansiosamente que o Mundo tão inquieto se tranquilize? Outrora, os referidos aldeões viviam em melhor paz, ignorando os acontecimentos desenvolvidos no próprio país. Hoje, porém, estão em contacto com as cinco partes do Globo, acompanhando de perto as evoluções do progresso. E, em vez de seguirem os usos das velhas tradições, seguem com entusiasmo o desenrolar dos ensaios da bomba de hidrogénio, do avião inteiramente de vidro (para resistir à travessia do ar à velocidade de 3.200 quilómetros à hora...) e outras experiências no género.

Todavia, outros há que encaram o factor progressivo sem a menor sombra de expectativa e interamente impassíveis; e temos, neste caso, o meu amigo Soares!...

Luz de Tavira, Nov. 52.

GAZETILHA

Ser festeiro é profissão,
Modo de passar o V'rao,
Assegurando os diários.
Há festa em todos os cantos,
Sem ser em honra dos Santos,
Em louvor dos comissários.

Tenho um compradre pedreiro,
Que na arte é um matreiro
E é esperto que nem um alho;
Armo uma comissão,
Faz festas durante o Verão,
Não quer saber do trabalho.

Pró ano, vou ser festeiro.
Numa aldeia ou num outeiro,
Lugar de primeira fila,
Armo um coreto, um bazar,
Ponho um harmónio a tocar
E vou enchendo a mochila!...

Ganhar a vida é um pau,
Concentrações de «Mau-Mau»
Há pra ai sem tom nem som;
Por isso, quem tem esperteza
Cria, pra sua defesa,
Concentrações de «Bom-Bom».

Numa aldeia, aqui vizinha,
Dizem que houve uma festinha
Em benefício dos pobres;
E o povo foi à função,
Apoiou a comissão,
Com os seus minguados cobres.

Depois, contaram-me a história,
Foi uma noite de glória,
De caridade e de amor;
Da verba ali alcançada,
Os pobres não viram nada,
Louvado seja o Senhor!...

ZÉ DA RUA

A Feira de Portimão

No próximo dia 11 de Novembro, inicia-se na importante cidade de Portimão a grandiosa e tradicional Feira de São Martinho, uma das maiores do Algarve.

Portimão, como nos anos anteriores, prepara-se para a sua feira anual, que este ano tem perspectivas extraordinárias.

A formosa cidade do Arade, se o tempo permitir, espera nesse dia receber a visita de centenas de forasteiros, não só de diversos pontos do Algarve, como do Alentejo, que ali acorrem nessa data, que se pode considerar festiva, dando à cidade um movimento desusado e cosmopolita.

A Feira de São Martinho é daquelas que os almanques registam há muitos anos e, por isso, não necessita de cartazes anunciadores.

Ei-la, que se aproxima, e o povo portimonense prepara-se para, durante aqueles dias, ouvir o ruído ensurdecedor dos carrouseis, dos circos e das diversas barracas de palhaços que costumam sempre abundar, para ir dar mais um passeio pela feira e divertir-se um pouco e fazer as suas compras.

In Memoriam

AO DIDIER

13 de Outubro de 1952

Meus olhos vagueiam indiferentemente
Pela multidão anónima, apressada,
Que se amontoa num pátio, numa escada,
Numa avenida ou no jardim em frente,
Mas a vida continua intensamente.
E eu, sempre a vaguear, fico parada,
Olho, escuto, mas não percebo nada,
E todos passam atarefadamente.

Minha alma nada vê, está tão triste,
Porque não mais te vi, porque partiste,
Nesse trágico e derradeiro adeus.
Morte que o levaste, do mar sobe-o aos Céus,
Sua ansiosa alma que existe em Deus,
Agora, que jamais na Terra existe.

Maria Lúcia de Melo Norta

Este número foi visado pela
Delegação de Censura

Do Drama Realista à Comédia ou a viragem do realizador Mário Soldati

MÁRIO Soldati é o realizador das cem experiências, da actividade febril, constantemente inquieto com a rebusca de qualquer coisa que satisfaça as suas aspirações artísticas. Nasceu em Turim a 17 de Novembro de 1906 e licenciou-se em Letras. Depois de frequentar em Roma um curso de história de arte, foi para os Estados Unidos, onde regu uma cadeira na Universidade de Columbia. Quando em 1931 regressou a Itália vinha contagiado pela arte das imagens e dedicou-se ao cinema.

Depois de vária colaboração prestada aos estúdios romanos, Soldati aventurou-se a dirigir «A princesa Tarkanova» em 1937. Desde então a sua actividade tem sido notável e intensa, tanto no campo cinematográfico como no literário. Pode dizer-se que, depois de cada filme, Soldati publica um livro.

No cinema tem-nos dado imagens de delicada poesia com uma intenção e uma graça insuspeitada num homem um tanto arisco. Com «Fuga em França», entrou deliberadamente no neo-realismo, pondo a sua técnica cuidada e precisa ao serviço dos mais belos temas literários.

Um dia, mudou de opinião e confessou que a comédia era o seu desejo maior de artista taciturno. Então a sua cultura, a sua experiência, o seu maravilhoso gosto artístico passaram a servir o cinema nos domínios da comédia. Desde então, já dirigiu quatro comédias. A última, é uma paródia aliciança ao filme «Quo Vadis» que os americanos foram produzir aos estúdios de Roma. Trata-se de «O. K. Nero», que conta as hilariantes aventuras de dois marinheiros de um couraçado americano na corte imperial de há dois mil anos. Um dos marinheiros é esse impagável Walter Chiari, que, de um dia para o outro, se tornou no mais notável cómico do cinema italiano, aliando a fantasia de Tótó à ingenuidade de James Stewart.

Mas a beleza da mulher italiana seduziu Soldati, que nunca deixa de aproveitar o que de mais belo pisa os estúdios italianos, para intérpretes dos seus filmes. Assim, Silvana Pampanini, a bomba atómica do sex-appeal, interveém não só em «O. K. Nero», no papel da lúbrica Poppea, como também nas «Aventuras de Mandrin», ao lado do másculo Raf Vallone. Walter Chiari e Lucia Bosé, com os seus grandes olhos atónitos, são os principais intérpretes de «Meu amor patinador», outra comédia de Soldati onde o gelo é um «intérprete» de formidável beleza nas mãos deste realizador. Delia Scala, com o seu notável poder de comunicabilidade, ainda ao lado de Walter Chiari, o que só demonstra a ascendente categoria deste notável comediante, é a beleza que domina o filme «O neto do Zorro», valorizado ainda pela presença de Vittorio Gassman, um actor que convence sempre nos seus papéis de abominável cinismo.

«O neto do Zorro», «Meu amor patinador» e «O. K. Nero» representam algo de novo no estilo e na maneira de ser desse competente mestre que é Mário Soldati.

Com bons argumentos cómicos, com belos actores de farsa, com lindíssimas e provocantes mulheres no cast artístico, terá encontrado o seu verdadeiro caminho esse antigo professor universitário que todo o mundo cinéfilo conhece e que se chama Mário Soldati?



Walter Chiari e Vittorio Gassman numa cena de «O Neto do Zorro», um filme de Soldati

Tip. "Povo Algarvio"

Rua Dr. Parreira, 9 — TAVIRA

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS FÁBRICA DE CARIMBOS
EM TODOS OS GÉNEROS DE BORRACHA

OBRA SIMPLES E DE LUXO
LIVROS — REVISTAS — JORNAIS

COFRE VENDE-SE

Compro, pequeno, 3 a 4 letras de segredo. Dirigir ofertas ao Bazar Vitória, Rua do Comércio, 39 — Olhão.

Propriedade, no sítio do Almagem. Trata Joaquim Pires Cruz, telefone 159 — Tavira.